

Como a Constituinte revela seus autores

LUIZ
CARLOS LISBOA

Nascido numa dobra sutil da fantasia de Dickens, Pickwick aconselhava os homens públicos a seguirem a multidão como medida de prudência, não por respeito à vontade popular. "E se houver duas multidões?", perguntava Snodgrass. "Grite com a maior, naturalmente", replicava Pickwick. A Inglaterra do século XIX não difere muito do Brasil do século XX, nem da Brasília das últimas semanas. As discussões que ali passaram das subcomissões às comissões temáticas, mantiveram seu tom e têm ajudado muito, além de fazer uma Constituição para o País, a revelar as paixões culturais, os modismos políticos e o zeitgeist do espaço-tempo brasileiro. O regimento interno da Assembléia Nacional Constituinte e a escolha dos relatores das comissões, contribuíram a seu modo para iluminar o fundo da alma política nacional: o primeiro porque é confuso e obscuro, a segunda porque foi feita com intenção evidente, embora tenha fracassado.

Agora mesmo, nas oito comissões temáticas da Constituinte, pode-se ganhar no grito, sem voto, num jogo que exige apenas atenção e ousadia. Um conhecimento profundo do regimento permitirá ao presidente de cada comissão o encaminhamento correto das questões, mas pode ajudar também os especialistas em votações a torcer a verdade até quando for possível. Quando o senador Mário Covas confessa aos jornais que a corrente "progressista" pode ser derrotada nas votações deste final de semana, por exemplo, ele está contribuindo para que os agentes de todos os matizes baixem a guarda, e não faz mais do que desarmá-los moralmente. Mas para além de toda a sagacidade "ritista", da lentidão dos reflexos dos independentes e da indiferença de uns poucos, o que se espera que aconteça é a conclusão de uma Carta constitucional que compatibilize desenvolvimento e liberdade, num país que já perdeu muito tempo com retórica.

Até que isso ocorra, truques e manobras a serviço da grande superstição moderna nacional-socialista — embora velha de cinquenta anos no mundo e aparentemente eterna no Brasil — darão a cor do espetáculo e dificultarão muito o andamento dos nossos problemas, internos e externos. A Nação inteira vai pagar por algumas centenas de fanáticos porque vai marcar passo durante um século, mas é bom não esquecer que a classe média e a intelligentsia contemporizaram com a doença infantil por muito tempo, e são também co-responsáveis.

Os "ritistas" querem o poder, sim, mas não o querem agora. Será através de uma Constituição que não vai funcionar e que abrirá as portas a mais superstição, que eles pretendem ganhar a taça e sentar no trono. A proposta criando diferentes órgãos e conselhos que vão roubar poderes ao governo, é arma afiada e penetrante, porque esses órgãos vão servir a uma minoria que deseja sobretudo imitar a voz das grandes massas. Os radicais da direita e da sinistra lutam com esse formidável problema: fazer com que suas vozes minoritárias soem como um clamor majoritário. Os meios eletrônicos já

conseguem isso, mas o resultado é uma farsa grosseira. E através de conselhos, grupos e entidades que a "voz do povo" melhor se manifesta, como nas entidades de classe, nas pequenas publicações, nas mínimas entidades. E tudo uma grande encenação de democracia — como em alguns países em que o partido único recebe, em toda eleição, a quase unanimidade dos votos. O resultado de tudo isso, aqui como em toda parte, é a estagnação e o atraso, o ressentimento e o desânimo.

A pressão das galerias (ou a mobilização popular, a "agit-prop" ou que outro nome tenha) é recurso a ser usado na fase final dos debates no plenário. Alguns "progressistas" estão ameaçando seus colegas constituintes com isso, enquanto alguns "ritistas" já estão tomando todas as providências nesse sentido, conscientes de que as condições físicas e sociais de Brasília favorecem seus planos. A Subcomissão de Ordem Econômica teve uma amostra, há cerca de 20 dias, do que pode suceder nas comissões da Constituinte, com deputados afrontados, vaia, desafios, interpelação por estranhos.

Quem leva ao edifício do Congresso os grupos de pressão e quem os instrui devidamente, não ficou bem claro até agora. A boseira ideológica e xenófoba assume um ar de desaforo e amedronta os que devem olhar com isenção as propostas, examinando e debatendo seu conteúdo. E esse não é um assunto nacional ou local: o caráter "ritista" de alguns constituintes configura-se uma questão comportamental e uma deformação psicológica, não mais que isso. Ainda uma vez, é pena que tantos tenham de ser punidos pelas ilusões de tão poucos, mas tudo indica que no caso do Brasil deste final de século, isso é inevitável. O despreparo, a improvisação, a falta de base — tudo é afinal uma coisa só, uma única bacia hidrográfica para onde convergem muitos rios.

Nos últimos dias, centenas de manifestantes andaram pelos corredores do Congresso, cantando o Hino Nacional, gritando palavras de ordem e rondando com ar ameaçador os constituintes que imaginaram seus opositores. O deputado Miro Teixeira, ainda segundo a imprensa, disse claramente que esse era apenas o começo da grande mobilização popular para fazer pressão direta sobre a Assembléia Constituinte. A vontade popular, supõe-se que foi aferida nas urnas que deram votação maciça para o PMDB, ao final do ano passado, e que chorou lágrimas de sangue com a capotagem do Plano Cruzado. O que os radicais estão tentando fazer é pura mágica, nada tendo que ver com a vontade popular. Mais que mágica, é malandragem da melhor qualidade. Movidos pela ousadia que a ignorância ajudou a reforçar, eles querem tomar de assalto o que não lhes pertence. Essa é a postura da radicalia no mundo inteiro, mas a arrogância é preciso confessar que infelizmente é nossa. A adulação do que parece popular foi a moeda de todas as misérias morais e injustiças, através da História. Os que na nossa vida pública seguem o conselho de Pickwick, não se interessam pela sorte das multidões, nem pela das Constituintes, porque tudo o que tem significado para eles é poder pessoal.